

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

AUGUSTO SCHAF EGGERS

**REFLEXOS SOCIAIS DA PARTICIPAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO NA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**Resende
2019**

AUGUSTO SCHAF EGGERS

**REFLEXOS SOCIAIS DA PARTICIPAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO NA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Academia Militar das
Agulhas Negras como parte
integrante do Curso de Bacharel em
Ciências Militares, sob a orientação
do Tenente Coronel Everton Araújo
dos Santos.**

Resende

2019

AUGUSTO SCHAF EGGERS

**REFLEXOS SOCIAIS DA PARTICIPAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO NA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

COMISSÃO AVALIADORA

Tenente Coronel Everton Araújo dos Santos-Orientador

Avaliador

Avaliador

**Resende
2019**

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades. Também agradeço aos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram e ao Tenente Coronel Everton Araújo dos Santos por ter me orientado para a conclusão da monografia.

RESUMO

A presente pesquisa visa entender a participação da Força Expedicionária Brasileira e dos ex-combatentes na Segunda Guerra Mundial e mostrar alguns aspectos que influenciaram o Brasil no pós-guerra, tanto na esfera política, econômica, na doutrina e na tecnologia das Forças Armadas. Tendo em vista viabilizar a confecção da pesquisa, inicialmente tratou-se da inserção do Brasil na Segunda Guerra Mundial e da mobilização e estrutura da FEB. Para a coleta de dados foi usado o fichamento, posteriormente os dados foram analisados, tendo em vista resolver a problemática e atingir os objetivos propostos.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, ex-combatentes, pós-guerra, Força Expedicionária Brasileira.

ABSTRACT

The Brazilian Vigilance Force and the ex-combatants of the World Air Force and the military. Download the search in the main site to the presentation of the annual process of the FEB. In order to collect data, the creation process was used in order to solve a problem and the proposed objectives.

Keywords: Second World War, ex-combatants, post-war, Brazilian Expeditionary Force.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Assinatura do acordo comercial Brasil - Estados Unidos

Figura 2: Tropas brasileiras, a caminho da praia numa barcaça britânica de desembarque, acenam adeus para seus amigos ainda a bordo do navio que os trouxe para a Itália.

Figura 3: Constituição da 1ª DIE

Figura 4: Roteiro da FEB

Figura 5: Rendição do Gen Fretter Cmt 148º DI

Figura 6: Sargento Max Wolf Filho

Figura 7: Regresso da FEB ao Brasil

Figura 8: Metralhadora Bronwning M2

Figura 9: Fuzil Springfield

Figura 10: Obras da construção da usina de Volta Redonda, da Cia. Siderúrgica Nacional

Figura 11: Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial

Figura 12: Monumento Votivo militare brasileiro em Pistóia

LISTA DE ABREVIATURAS

DIE: Divisão de Exército

FEB: Força Expedicionária Brasileira

FAB: Força Aérea Brasileira

EUA: Estados Unidos da América

AMAN: Academia Militar das Agulhas Negras

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	11
2.1.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema	11
2.1.2 Referencial Metodológico e Procedimentos	12
3. A ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O ENVOLVIMENTO DO BRASIL	13
3.1 Antecedentes do Conflito	13
3.2 O envolvimento do Brasil na guerra	
3.3 Estrutura da Força Expedicionária Brasileira	13
4 MUDANÇAS OCORRIDAS NO BRASIL PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	20
4.1 Aspectos Sociais da Atualidade	25
5. CONCLUSÃO	29
6. REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A participação da Forças Expedicionária Brasileira (FEB) foi a primeira de nosso Exército no Velho Mundo, este mesmo Exército que disparara seu último tiro em 1870 no Paraguai. Mesmo que tenha ocorrido apenas no final da Segunda Grande Guerra, a participação da FEB e da FAB foi de extrema importância e ajuda para definir a vitória dos aliados sob os países que compunham o Eixo.

Entretanto, com o passar dos anos não houve em nossa história uma grande valorização do corpo de ex-combatentes que corajosamente deixaram sua pátria para participar desta luta.

Hoje, nas escolas, universidades e entre a sociedade civil em especial, o ensino sobre como foi essa honrosa participação é muito timidamente abordado, muitas vezes não valorizando nossas tropas e seus ex-combatentes da maneira correta, fazendo com que os feitos dos mesmos não contribuam de uma maneira mais intensa na formação de um país patriota e orgulhoso de seus antepassados, deixando então de retratar aqueles que hoje ainda estão em formação suas experiências e aprendizados, fazendo com que a história seja apagada aos poucos.

“E, no entanto o que sabe a juventude de agora sobre a nossa contribuição para a vitória de 8 de maio de 1945? Que sabem os jovens sobre os nossos sacrifícios, sobre as vidas perdidas, sobre o papel do Nordeste na estratégia do conflito, e sobre as razões que levaram à Europa a Força Expedicionária Brasileira? (COSTA,1975, PAG 11.)

Mesmo estas palavras tendo sido escritas há 44 anos, essa realidade descrita pelo General Octavio Costa, em sua obra intitulada “Trinta anos depois da Volta”, ainda se repete nos dias atuais. Diante disso, surgiu a curiosidade para este trabalho, na medida em que se percebeu que não existiu uma valorização social no pós Segunda Guerra Mundial, aqui no Brasil, dos pracinhas e de todos os feitos do Exército Brasileiro.

Visto isso, percebemos que a sociedade não conseguiu dar o devido valor e participação social a estes nossos heróis fato este que pode ter sido consequência de anos de política as quais não valorizaram devidamente a posição militar em nossa pátria canária, por isso tal trabalho busca demonstrar alguns fatos históricos e reflexões sociais sobre os desdobramentos de tal participação do Exército de Caxias na segunda grande guerra.

Portanto, a presente pesquisa buscará apresentar uma análise sobre os aspectos históricos e sociológicos do pós Segunda Guerra Mundial no âmbito da participação das Forças Armadas brasileiras, com ênfase na atual posição social dos ex-combatentes Brasileiros e também a carência de valorização destes heróis nacionais diante de nossa sociedade como um todo.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO

O estudo a ser realizado tratará do emprego de militares durante a Segunda Guerra Mundial como componentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB), e quais as consequências que a guerra trouxe ao Brasil, campo de pesquisa inserido na área de concentração de estudos das Ciências Militares XIX – História Militar, definida pela Portaria nº 734, de 19 de Agosto de 2010, do Comando do Exército Brasileiro. (BRASIL, 2010).

1.1.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema

A fim de se obter um panorama o mais completo possível, buscando identificar o que de mais relevante foi produzido sobre o tema reflexos sociais da participação do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, e consultou-se livros didáticos da cadeira de história militar da Academia militar das Agulhas Negras. Foram analisadas, também, obras de historiadores e combatentes, tudo visando uma melhor compreensão do assunto.

Em relação aos antecedentes do problema, parte-se da ideia que os combatentes Brasileiros, por ocasião do início da Guerra, não tinham experiências de combate, já que a última guerra que o Brasil havia travado fora a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Sendo assim, é de pressupor-se que os militares da FEB passaram por várias dificuldades na preparação para a guerra e nos combates em solo italiano, mas mesmo com todas as dificuldades, conquistou grande apreço nacional e internacional.

Diante disso, podemos identificar questões que nos parecem problemáticas. Como foi a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial? Quais foram as principais transformações que a participação da FEB na segunda grande guerra trouxe para o Brasil?

1.1.2 Referencial Metodológico e Procedimentos

O objetivo principal deste trabalho é uma busca por uma maior valorização do que o Exército Brasileiro significa e significou para o nosso país, o levantamento de tal tema procurará trazer à tona um reavivamento sobre o que foi nossa participação neste episódio tão icônico.

Para atingi-lo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: descrever os antecedentes da guerra no Brasil, a atuação da FEB durante o conflito e o que a guerra trouxe para o Brasil. Tudo tendo em vista identificar a notória importância da FEB na sociedade brasileira.

Referente à instrumentalização da pesquisa, foi adotado como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e histórica, sendo adotado o fichamento como instrumento de coleta de dados. Os dados foram submetidos a análises que permitiram levantar a importância da FEB nos reflexos sociais ocorridos no pós guerra.

A presente monografia está assim estruturada:

O primeiro capítulo apresenta a introdução e o referencial teórico-metodológico da pesquisa, no qual são apresentados os objetivos, o problema de pesquisa do trabalho e a revisão da literatura. Também é apresentada a metodologia adotada para realização da pesquisa e as justificativas para a realização do trabalho.

O segundo capítulo versa sobre informações básicas para se compreender a situação política anterior ao conflito, as causas do conflito, a configuração que tomaram as alianças e o alinhamento do Brasil com os EUA.. A elaboração deste capítulo teve como base a obra “Trinta anos depois da volta”, de Octavio Costa e “Pracinhas na guerra” de Celso Rosa. Também foram utilizados manuais de história militar da Cadeira de História Militar da AMAN.

O terceiro capítulo traz as definições e explicações acerca da participação do Exército na guerra, a organização da FEB, ressaltando suas limitações antes do combate, o treinamento executado em solo italiano, os feitos do pracinhas e as batalhas que o Brasil participou.

O quarto capítulo traz análises relativas as melhorias trazidas para o Brasil, na questão social, na questão de melhoria da tecnologia militar do Exército, e na questão econômica.

O quinto e último capítulo traz a conclusão do trabalho. São feitas considerações e retirados os ensinamentos em torno da análise dos dados fornecidos pela pesquisa.

3. A ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O ENVOLVIMENTO DO BRASIL.

3.1 Antecedentes do Conflito

O Brasil sempre foi conhecido como um país pacífico, talvez por estar afastado da Europa, principal cenário das Guerras Mundiais, e por sua carência de equipamentos e armamentos de última geração e doutrina inadequada ao combate da época.

O Brasil encontrava-se em pleno Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas em 1937, o qual havia fechado o congresso, imposto censura à imprensa, ordenado a prisão de líderes políticos e colocado interventores nos governos estaduais. Essas ações se apoiavam em uma constituição centralizadora e autoritária, que tinha muitos pontos em comum com a ditadura fascista da Europa. Alinhado a isso, Getúlio Vargas também era “populista”, o qual montou um poderoso esquema para valorizar seu governo, criando o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), inspirada no aparelho nazista de propaganda na Alemanha. Foi introduzida nas rádios Brasileiros a “Hora do Brasil”, a qual mostrava os feitos do governo e escondia a pressão política praticada na época, também foi criada a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e o salário mínimo. Com isso, desde o início da Segunda Guerra Mundial, a ideologia do estado novo apontava estar alinhada com os países do Eixo. Porém, Getúlio tinha o grande sonho de industrializar o Brasil, e por isso protelou o máximo possível sua decisão de qual lado estaria no conflito visando o maior obter maior maiores ganhos do ponto de vista econômico. As pressões dos norte-americanos para que o Brasil fosse mais um de seus aliados estava cada vez maior, tendo eles utilizado diversos mecanismos, desde a liberação de recursos para a construção da usina siderúrgica de Volta Redonda – RJ, a “criação da política da boa vizinhança”. Essas pressões vieram do interesse da instalação de bases militares no Nordeste do país e também o fornecimento de matérias primas como a borracha e minérios.

Com isso, Getúlio Vargas decidiu negociar com os norte-americanos o fornecimento de armamentos, a concessão de créditos e a assistência técnica para implantar indústrias siderúrgicas no Brasil em troca do apoio militar e fornecimento de matérias primas. (FARIA, 2015)

“Em 3 de março, o Brasil e os Estados Unidos assinaram o acordo de Empréstimo e Arrendamento e os acordos sobre as exportações de minério de ferro e borracha, sendo que, no segundo caso, envolvia toda a produção brasileira destinada à exportação num período de cinco anos”. (FARIA. 2015, p.235)



Figura 1: Assinatura do acordo comercial Brasil - Estados Unidos

(Presidente Roosevelt e Oswaldo Aranha)

Fonte: (Wittmann, 2016)

Com isso, a mobilização de mão de obra limitou-se aos esforços para atender as Forças Armadas e às extrações de borracha e minérios. A busca pela borracha ficou conhecida como “A batalha da borracha”, a qual exigiu a criação do serviço de mobilização de trabalhadores para a Amazônia, destinado a recrutar os (Wittmann, 2016) “soldados da borracha” e transportá-los até as áreas de extração no Acre e no Amazonas. (FARIA, 2015)

As principais atividades no campo da mobilização econômica foram: o deslocamento de parcela do comércio exterior da Europa para a América do Norte; o racionamento do consumo e o tabelamento de preços; a intensificação da indústria extrativista e da lavoura; a aquisição de fundos para financiamento dos gastos relacionados à guerra. (FARIA, 2015)

3.2 O envolvimento do Brasil na guerra.

Após ocorrer o primeiro incidente de Guerra, em março de 1941, antes do rompimento das relações diplomáticas com o Eixo, foi quando realmente que o Brasil iniciou o envolvimento na guerra, quando teve o navio mercante Taubaté, que navegava entre Chipre e Alexandria, no mar mediterrâneo, bombardeado por um avião da Luftwaffe, ocasionando uma morte e treze feridos. Outro incidente ocorreu em fevereiro de 1942, quando o navio mercante Brasileiro Cadedelo desapareceu quando se dirigia da Filadélfia (EUA) para o porto de Cabedelo na

Paraíba, torpedeado pelos alemães. Daí até a declaração de guerra contra a Alemanha e Itália, mais de dezoito navios mercantes Brasileiros foram afundados pelos alemães, e depois da declaração, mais doze, totalizando um terço da Marinha Mercante Brasileira, provocando a morte ou o desaparecimento de 971 pessoas. (FARIA, 2015)

Em 16 de julho de 1944, os primeiros cinco mil soldados Brasileiros chegavam à Nápoles no navio de transporte americano “General Mann”, comandados pelo General Zenóbio da Costa e incorporados ao V Exército Americano, começava então nossa primeira participação em uma grande guerra. (COSTA. 1976)



Figura 2: Tropas brasileiras, a caminho da praia numa barça britânica de desembarque, acenam adeus para seus amigos ainda a bordo do navio que os trouxe para a Itália.

Fonte: (Güiguer, 2014)

O Brasil chegou à Itália com grande carência de armamento e vestimentas, sendo-nos praticamente tudo dado pelo Exército americano. O fardamento dos soldados foi permanente motivo de vexame, tendo em vista que, o Exército Brasileiro não primava pela boa apresentação do uniforme de seus soldados e também seus tecidos eram de péssima qualidade. (COSTA. 1976)

As Forças Armadas brasileiras estavam desaparelhadas e ainda seguiam a organização, estrutura e doutrina característica francesa, a qual, não atendia as necessidades demandadas de uma guerra moderna. Tendo em vista esse despreparo, era necessário um adestramento com base na doutrina americana, que, após o recebimento do material bélico americano, pode dar

início à instrução na Itália, envolvendo o manuseio e exercícios de tiro com os novos armamentos individuais e coletivos, além de treinamento de marchas e instruções gerais. (FARIA, 2015)

Os primeiros preparativos foram na região da cidade de Tarquinia. Alguns dias depois, deslocou-se para a zona da cidade de Vada, onde em 10 de setembro teve início do primeiro exercício teste. O exercício teste foi um exercício de 36 horas consecutiva, sendo executada uma longa marcha a pé e execução de um ataque simulado. Com isso, o Brasil estava pronto para entrar em combate. (ROSA, CELSO, 1918)

A transposição da FEB, do projeto à realidade, trouxe, assim, à tona difíceis problemas, como preparar, à americana, uma divisão heterogênea de um Exército até então moldado em doutrina em padrões franceses; criar órgãos novos para os quais não tínhamos, nem pessoal, nem material adequados; proceder à seleção de pessoal, nem material adequados; proceder à seleção de pessoal segundo padrões muito acima de nossa realidade para adaptá-los a condições climáticas de um teatro estranho ao nosso; dificuldades de reunião, de concentração e de preparação de unidades descentralizadas, de subordinação administrativa e disciplinar a diferentes organizações; inexistência de uniforme adequado ao clima e de material bélico, em quantidade indispensável ao entendimento das necessidades de instrução; inexistência de reservistas para as funções novas que a nova doutrina exigia; e gigantesco fluxo de convocados, em curto prazo, em superior aos efetivos previstos. (COSTA, 1976, p.28).

3.3 Estrutura da Força Expedicionária Brasileira

Em agosto de 1943 iniciou-se a organização da FEB, sendo constituída de uma Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e de órgãos não divisionários, conforme modelo norte-americano, sendo designado comandante o General João Batista Mascarenhas de Moraes.

Os órgãos não divisionários foram chefiados pelo general Olímpio Falconiére da Cunha e estava composta de: estado-maior, seção de saúde, agência do Banco do Brasil, serviço postal, seções de justiça e depósito de pessoal.

Já a 1ª DIE era organizada em: Tropa Especial (Tr Esp), Infantaria Divisionária (ID), Artilharia Divisionária (AD), Batalhão de Engenharia (BE) e Batalhão de Saúde (BS)

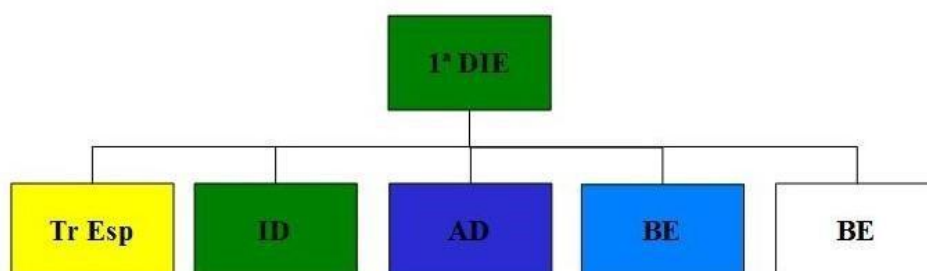


Figura 3: Constituição da 1ª DIE

Fonte: Manual de História Militar do Brasil

O batismo de fogo foi a 15 de setembro de 1944, onde, pela primeira vez da história, uma tropa sul-americana combatia em território europeu o mais aguerrido Exército do mundo da época. (ROSA, CELSO, 1918)

Mesmo com todas as dificuldades, os pracinhas tiveram grande participação na guerra, atuando em quatro fases, as quais levam em consideração as regiões em que atuou e quais atividades realizou:

A primeira fase foi no vale do Rio Serchio com missões de cobertura, segurança, limpeza de áreas e restabelecimento de contato com o inimigo, onde as principais ações foram em Monte Prano, Fornachi, Gallicano, Fabrache e S. Quirico.

A segunda fase foram missões de defensiva e de ataque coordenado no vale do rio Reno, em Monte Castelo e Castelnuovo.

A terceira fase também foi de ataque coordenado, só que no rio Panaro, onde houve a vitória de Montese, a ocupação de Zocca e a posse de Vignola.

A quarta e última fase foi realizada ao Sul do rio Pó, nela ocorreram às vitórias de Collecchio e Fornovo di Taro, onde a 148ª divisão alemã foi aprisionada. (FARIA, 2015).

Nos 239 dias de sua presença na frente de combate, de 06 de setembro de 1944 a 2 de maio de 1945, a FEB defrontou-se com treze grandes unidades inimigas; três fascistas: as divisões "Italia", "Monte Rosa" e a "San Marco"; dez nazistas: o Corpo de Paraquedistas Blindado "Herman Goering", as 42ª e 114ª Divisões Ligeiras; as 29ª e 90ª Panzer Granadier; e as 94ª, 148ª, 232ª, 305ª Divisões de infantaria. Capturamos 20.573 prisioneiros de guerra, dos quais 892 oficiais e 2 generais. Caíram em poder de nossos pracinhas 80 canhões de diversos calibres, 1.500 viaturas e 4.000 cavalos. (COSTA, 1976, p.76)



Figura 4: Roteiro da FEB

Fonte: (Júlio, 2015)

Um fato que deve ser destacado é rendição da 148ª Divisão Alemã para a 6ª RI da FEB no dia 29 de abril de 1945. No dia 26 o Esquadrão de Reconhecimento encontrou o inimigo em Colecchio, cidade vizinha de Fornovo onde seria o ataque principal, o qual procurava evitar o cerco e escapar para o norte. Antes de ser executado o ataque a Fornovo di Taro, o comandante do 6ª RI enviou um ultimato que intimava as 148ª Divisão alemã a se render incondicionalmente ao comando das tropas do Exército Brasileiro, o qual estava pronto para atacar, mas desejava poupar vidas.

“Foi uma atitude ousada, porque o comando Brasileiro estava em inferioridade numérica, em comparação com a tropa alemã cercada, o que os alemães não sabiam” (FARIA. 2015, p.271).

Na primeira resposta, o Major Kuhn chefe do estado maior da 148ª Divisão alemã, mencionou que estava à espera de ordens de seu comando superior. Com a resposta insatisfatória, o ataque à região teve início às 13 horas, onde as tropas alemãs foram seguidas de perto pela FEB e não tinham como escapar. Sendo assim, às 22 horas, aproximadamente, três parlamentares alemães, chefiados pelo Major Kuhn, cruzaram as linhas brasileiras e efetuaram a negociação para a rendição da 148ª Divisão.

“Apesar de alguns incidentes, a rendição foi normal tendo sido aprisionado 2 oficiais generais e 14.777 homens da 148ª DI alemã, mais remanescentes da 90ª DIV Pz e da Div Bersaglieri, 1.000 viaturas motorizadas, 1.500 viaturas hipomóveis, 4.000 animais e inúmeros armamentos. Tudo isso ocorreu com irrisórias baixas amigas, 5 mortos e 50 feridos, dentre os feridos encontrava-se o Cap Ernani Ayrosa da Silva, atingindo gravemente por uma mina anticarro, em uma ação na estrada Collecchio – Fornovo.”. (FARIA. 2015, p.271)



Figura 5: Rendição do Gen Fretter Cmt 148ª DI

Fonte: (Net, 2019)

Cabe destacar também, a participação do sargento Max Wolff Filho (promovido ‘post mortem’ a segundo tenente), o qual era natural de Rio Negro (PR) nascido no ano de 1911. Embarcou no dia 20 de setembro de 1944 com o 11º Regimento de Infantaria, sediada em São João Del Rei e era conhecido pela coragem, abnegação, espírito de sacrifício, camaradagem e sangue frio, além de ser um grande líder. Morto em combate no dia 12 de abril de 1945, numa patrulha preparatória para os ataques de Montese, ficou reconhecido por sempre estar disposto a executar as mais difíceis missões e exercer tamanha motivação que arrastava consigo qualquer soldado.

Foi condecorado com uma das maiores condecorações de guerra, como a Cruz de Combate de 1ª Classe, a medalha americana Bronze Star, a medalha “Sangue do Brasil” e outras. (ROSA, CELSO, 1918)



Figura 6: Sargento Max Wolf Filho

(Verde-Oliva/CCOMSEx, 2018)

Dos 25.334 (vinte e cinco mil trezentos e trinta e quatro) soldados da FEB enviados para a guerra, 451 (quatrocentos e cinquenta e um) tomaram em combate, 1.145 (mil cento e quarenta e cinco) foram feridos, 1.145 (mil cento e quarenta e cinco) acidentados e 48 (quarenta e oito) extraviados, número significativo e que trouxe muita tristeza ao Brasil, os quais foram enterrados no cemitério da cidade de Pistóia, Região da toscana, e hoje são considerados heróis. (COSTA. 1976)

A FEB compreendeu o envio à Itália de 25.334 homens, dos quais 15.069 correspondem à tropas que realmente entrou em ação de combate, ficando o restante pelos órgãos não divisionários e depósitos de pessoal. Todos os estados Brasileiros deram a sua contribuição, sendo mais significativas: Guanabara, 6.094; São Paulo, 3.889; Minas Gerais, 2.947, Estado do Rio, 1.942; Rio Grande do Sul, 1.880; Paraná 1.542; Santa Catarina, 956; Bahia, 686; Mato Grosso, 679; Pernambuco, 651 e Ceará, 377.

Perdemos 451 combatentes e tivemos 1.577 feridos e 1.145 acidentados, além de 58 extraviados; dos quais 35 caíram prisioneiros do alemães. As unidades que mais sofreram foram os regimentos de infantaria _ o Primeiro, o Onze e o Sexto _ nesta ordem, com 144, 124 e 103 mortos (COSTA. 1976, p.76).

No dia 30 de abril de 1945, a FEB recebia sua última missão, estabelecer uma cabeça de ponte na margem norte do Rio Pó, na região de Piacenza, assim terminava a atuação do Brasil na segunda Grande Guerra. Porém, a FEB foi desativada ainda em solo italiano, como medida de precaução do Governo Vargas, para que o espírito de liberdade e coesão a qual defendera com suor e sangue na guerra não ameaçasse o regime vigente. Entre 6 de junho e 3 de outubro chegaram ao Brasil os diferentes integrantes da 1ª DIE, sendo ,calorosamente, recebidos pelo povo Brasileiro. (FARIA, 2015).



Figura 7: Regresso da FEB ao Brasil

Fonte: (Saharov)

4 Mudanças ocorridas no Brasil pós-Segunda Guerra Mundial.

Visando o melhoramento das Forças Armadas e o emprego do conhecimento aprendido durante a guerra, o governo Brasileiro criou, na década de 40 (Quarenta), o Estado-Maior das Forças Armadas a Secretaria do Conselho de Segurança Nacional e a Escola Superior de Guerra. O Coronel Castello Branco, oficial de operações da FEB, foi nomeado Diretor de Ensino da Escola de Estado-maior, devido a seu grande conhecimento e experiência profissional. O objetivo principal era a elaboração de novos regulamentos que visavam difundir a doutrina norte-americana que fora empregada nos campos de batalha da Itália, os quais, foram adaptados e melhorados, para se ajustar as características do Exército Brasileiro.

Além disso, os blindados, uniformes, equipamentos e armamentos foram substituídos por novos tipos, sendo eles: Carros de Combate Sherman e M3A1, viaturas de transporte de pessoal, canhão anti-carro 37mm e 57mm, canhão anti aéreo 40mm e 90mm, os obuseiros M101 e M114, os radares e sonares, os detectores de minas, as pontes de campanha Baylei e M4T6, metralhadora Bronwning M2, Fuzil Springfield, entre outros. Com isso, o Exército Brasileiro deu um salto em sua tecnologia de guerra, exigindo um nível de adestramento muito maior da tropa e também uma logística mais sofisticada.



Figura 8: Metralhadora Bronwning M2

Fonte: (Luiz)



Figura 9: Fuzil Springfield

Fonte: (Luiz)

O Exército Brasileiro vinha sendo instruído por uma doutrina militar francesa, como foi destacado acima, sendo a organização, os regulamentos e os processos de combate baseados na escola francesa. De repente surge a tarefa de constituir uma Divisão de Infantaria com base na organização norte-americana, sendo instruída e adestrada segundo os métodos dessa nova doutrina, o que exigia a criação de órgãos absolutamente novos e a revisão quase revolucionária de princípios. (MORAES, 2005)

O trabalho de tradução e distribuição dos manuais norte-americanos exigiria um tempo do qual a FEB não dispunha. Então as unidades que compunham a 1ª DIE tiveram auxílio precioso de numerosos oficiais que, por terem estagiado no Exército dos Estados Unidos, facilitaram bastante a tarefa inicial de adestramento dos expedicionários. (MORAES, 2005, pg. 34).

Devido ao grande apreço que os pracinhas conquistaram, alguns ex-combatentes ascenderam a cargos político como a presidência da República, General Castelo Branco, um vice- presidente, Adalberto Pereira dos Santos, governadores, ministros, senadores, deputados, entre outros grandes cargos, tendo em vista que marcaram a vida nacional profundamente depois da volta. (COSTA, 1976)

Tantos heróis sobreviveram e se recolheram, pudicamente, ao silêncio construtivo de suas vidas: o Capitão Olegário de Abeu Memória_ exemplo de serena devoção a seus homens; o Tenente Iporan Nunes de Oliveira_ a quem tudo se deve em Montese; O Capitão Yeddo Jacob Blauth _ na firmeza de sua liderança em Monte Castelo; e o tenente Apolo Rezk, para só falar naqueles que já se afastaram da atividade militar.

Muitos heróis não voltaram, como os Tenentes José Maria Pinto Duarte, Godofredo Cerqueira Leite, Manoel Barbosa da Silva, José Belfort de Arantes Filho, o dentista Ruy Lopoés Ribeiro, Ary Rauen, Amaro Felicíssimo da Silveira, Aspirantes Francisco Mega, José Jerônimo Mesquita e o reverendo Frei Orlando.

Todos os gestos de sacrifício e abnegação, de coragem e decisão, todos os que souberem cumprir sua missão afrontado a morte, o heroísmo de homens simples e valorosos _ como Sargentos Severino, Berti, Nilo e Benevides, Cabos Basílio, Quevedo, Rocha e Casagrande, Soldados Lúcio, Rodrigues e Baeta _ Tudo pode ser sintetizado na figura do Sargento Máx Wolff Filho, o herói maior.

Em apenas quatro meses de campanha, esse excepcional integrante do Onze impôs-se à confiança e admiração dos soldados de todos os escalões hierárquicos, por sua bravura consciente, por sua inflexível disciplina, por suas convicções democráticas e por sua serena energia. (COSTA. 1976, p.72)

A FEB não foi uma simples expedição, mas a presença simbólica na guerra contra o nazismo, o que marcou, a fundo, o princípio da mudança do Brasil. É preciso lembrar o que nosso país vivia, onde havia um regime ditatorial aqui instalado e lutando contra um regime ideologicamente parecido, ocorrendo certa dicotomia política numa guerra marcadamente ideológica. A confiança do homem Brasileiro em suas próprias potencialidades deu um salto

extraordinário, onde, entrando em combate corpo a corpo contra os melhores e mais bem equipados soldados da época, mostrou seu verdadeiro valor em combate e a superioridade das motivações de nossa própria convivência humana, onde, o verdadeiro valor está no caráter e na inteligência existente em cada um. Com isso, sem dúvidas, haveria de reacender-se a consciência democrática do nosso povo, um amadurecimento das Forças Armadas. (COSTA. 1976)

Haveria de amadurecer, nas Forças Armadas, uma nova consciência profissional, que tornaria impossível a reedição de movimentos visando à verdadeira construção do Brasil mas realizados, sem unidade, sem coesão e sem consistência, como aqueles caracterizados pelo idealismo revolucionário dos tenentes dos anos vinte. (COSTA. 1976, p.83)

É preciso lembrar que a escolha de Getúlio Vargas, de qual lado da guerra estaria, trouxe grande impacto econômico, exemplo é a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) situada em Volta Redonda no Estado do Rio de Janeiro, a qual fornecia aço para os aliados e surgiu após um acordo entre o governo americano e Brasileiro, trazendo para o Brasil grandes avanços na parte da siderurgia.



Figura 10: Obras da construção da usina de Volta Redonda, da Cia. Siderúrgica Nacional

Fonte: (democracia, 2019)

“Não haveria o despertar da confiança do homem Brasileiro em suas próprias potencialidades nem haveria Volta Redonda, marco inicial de nossa industrialização, se não tivesse havido a Força Expedicionária Brasileira” (COSTA. 1976, p.83)

Tal importância é materializada nos diversos monumentos espelhados não só no Brasil, mas pelo mundo, onde, mais de duas centenas deles erguidos em pouco menos de duzentos municípios Brasileiros. São exemplos os monumento Vovito Militar Brasileiro, cemitério criado nas vizinhanças da igreja San Rocco, na cidade de Pistóia na Itália, onde os corpos dos pracinhas mortos em combate foram enterrados, e o Monumento aos mortos da II Guerra Mundial no Rio de Janeiro no Aterro da Glória olhando para a entrada da Baía de Guanabara.

O monumento, cobrindo área de 6850 m², desenvolve-se em três planos_ subsolo, patamar e plataforma, lago e escadaria.

O subsolo, a que se chega por uma escadaria em mármore perlado lustrado, compreende: antecâmara, câmara, dependências para a administração e acomodações para a guarda permanente. A câmara fúnebre contém 468 jazigos de mármore preto nacional com tampas de mármore carrara, gravados nela o nome, graduação ou posto, unidade, data de nascimento e morte. Quinze jazigos não possuem nomes gravados porque s referem a desaparecidos e a mortos não identificados. “Aqui jaz um herói da FEB_Deus sabe o nome.” (COSTA. 1976, p.86)



Figura 11: Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial

(Net, 2019)



Figura 12: Monumento Votivo militar brasileiro em Pistóia

(Passeios na Toscana, 2018)

Mesmo com a brilhante participação do Exército Brasileiro na segunda grande guerra, os feitos heroicos e atos de bravura realizados, o qual foi para guerra, desacreditado por todos, e voltou com o reconhecimento internacional, sendo condecorado com diversas medalhas, pelas características positiva de seus soldados. Sendo assim, analisando as transformações estimuladas pelo Exército no pós-segunda guerra no Brasil, podemos reavivar o respeito e admiração da população pelas Forças Armadas.

‘Trinta anos depois da volta, o Brasil é outro país. Nos primeiros 19 anos, as crises da grande transformação: as núpcias democráticas e as falácias da coalizão; o endividamento para a implantação do projeto siderúrgico e para a construção de Paulo Afonso; a acesa controvérsia sobre o monopólio estatal do petróleo, então longe de vir; a revanche de Vargas e sua volta apoteótica, o sectarismo político, a bipolaridade de uma nação dividida pelo ódio entre varguistas antivarguistas, a guinada à esquerda, a decadência e a agonia de grande líder; o triste legado do populismo_ filho espúrio e infiel do getulismo; a importância da indústria automobilística; a expansão industrial sem base estável e duradoura; a construção de Brasília e a inflação; a ascensão e a renúncia; a crise da legalidade, a fugaz experiência parlamentarista, o reformismo sem realismo, os sinais de bancarrota econômica, o ponto de explosão. Nos outros 11 anos, os quatro tempos da construção: a fase cirúrgica e a coragem moral de realizar as reformas impopulares porque visando ao amanhã; a retomada do crescimento e o desafio do terrorismo contestador; a firme vitória contra a rebeldia, a fantástica arrancada do desenvolvimento e a motivação psicológica para uma nova dimensão; e, afinal, o realismo diante das novas realidades mundiais, o pragmatismo responsável, as correções de rota e a fecunda convivência entre o crescimento econômico e a justiça

social. Nos passos da grande transformação, sempre presente o espírito da Força Expedicionária Brasileira, a convicção democrática consolidada nas frentes de combate, o permanente anseio de paz indispensável à construção e o clarão de um Brasil maior, que as misérias, os vexames e as humilhações de nossa contraditória presença na guerra puderam acender na alma do povo. Na grande transformação e no salto para o futuro, a permanência da FEB. E sua verdadeira glória, a glória que constrói.” COSTA. 1976, p.93)

4.1 Aspectos Sociais da Atualidade

Segundo Santos, o Brasil tem vivenciado Grandes e rápidas mudanças que hoje se verificam em todo o mundo, isso de maneira muito intensa por meio de grandes transformações sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e culturais que se encaixam no contexto da globalização. Isso tem gerado e alimentado tanto movimentos sociais quanto mudanças de mentalidade nos indivíduos os quais conceitos tradicionais, tais como o de ordem, autoridade e papéis sociais estão sendo deixados de lado. Essas mudanças se fazem sentir nas diferentes instituições sociais, transformando comportamentos, crenças, valores e opiniões dos seus integrantes. Em 1999 Castells¹ já previa tal situação que nos dias de hoje ainda se vê mais intensificada.

Observa-se, portanto, que a sociedade vive um tempo caracterizado por uma profunda desestruturação das organizações e deslegitimação das instituições, se constituindo a busca da identidade, em especial a religiosa e a étnica, o fundamento da significação social (Castells, 1999, p. 40)

Hoje em dia qualquer informação é rapidamente captada e difundida pelos meios de comunicação com uma rapidez impressionante, tendo em vista que algo que ocorre num determinado momento acaba sendo difundida em tempo recorde e assim esquecida facilmente, tendo em vista que os fatos são cíclicos.

Em contrapartida a grande atualização e movimentação cultural social que vivemos está o Exército Brasileiro, que continua primando por sua tradição e valores éticos, a fim de manter a excelência que existe na formação de seus componentes, desde soldados, praças a oficiais, os quais são formados e forjados em características e valores ímpares para nossa sociedade, muitas vezes tidos como ultrapassados e retrógrados.

¹Manuel Castells Oliván (Hellín, 9 de fevereiro de 1942) é um sociólogo espanhol. Entre 1967 e 1979 lecionou na Universidade de Paris, primeiro no campus de Nanterre e, em 1970, na "*École des Hautes Études en Sciences Sociales*". No livro "A sociedade em rede", o autor defende o conceito de "capitalismo informacional

Devido a tais características, presume-se que tal condição tradicional tenha evitado que a história dessa instituição e seus feitos ficassem e ainda fiquem marginalizadas na historiografia e estudos sociais. Como salientado pelo historiador José Murillo de Carvalho, percebe-se então a importância do tema abordado no presente trabalho, que mesmo com o passar de tantos anos continua atual. Afinal, este ano comemoramos os 30 anos da conquista de Monte Castelo, com a ajuda da FEB.

Até hoje, no entanto, foram pouquíssimas as praças da FEB – subtenentes, sargentos, cabos e soldados – que publicaram seus diários e memórias. Quase nada se sabe sobre a experiência do pracinha no campo de batalha. [...] Este livro [Diário de um pracinha da FEB] é um documento precioso porque ajuda a cobrir uma lacuna: é um livro escrito por um sargento da FEB.

Trata-se de um diário de campanha, escrito no calor da hora. Nele foram registrados os fatos e as emoções, tristezas, alegrias, medos e saudades, de um pracinha. (Carvalho, 2005: 192)

Mesmo com essa consciência de que se precisa haver uma produção social e historiográfica sobre os militares, seus feitos heroicos na participação na Segunda Guerra e sobre o cotidiano simples do mundo militar, no caso do Brasil ainda existem poucas obras de destaque sobre o tema.

É quase impossível sintetizar em poucas palavras a grande mudança do Brasil, do início da II Guerra Mundial aos nossos dias. A mocidade de hoje não pode sequer avaliá-la, e a memória do povo é mais fraca que sua imaginação. Custa-lhe medir a exata dimensão do caminho percorrido e fazer justiça ao esforço dos que vieram antes. Basta-lhe viver o presente, com a permanente sedução do futuro. (COSTA, OCTAVIO, 1976, p.19)

Uma das melhores obras que aborda os temas acima citados é o “Carisma do Comandante” que descreve a formação, acolhimento, reponsabilidades e tantos fatores que envolvem a trajetória do militar que se tornará oficial e passará por uma série de mudanças em sua vida, deixando sua família e perseguindo a vontade de servir e honrar sua pátria.

Pode-se concluir então, que tal abandono e descaso em se manter viva pesquisas e estudos que abordem a vida militar, seus feitos e glórias vêm do que já foi dito anteriormente, ou seja, se nossa sociedade que apenas se interessa pelo novo, o que é atualizado, o que ainda virá e se esquece de valorizar o passado principalmente no que tange aos feitos militares, é extremamente prejudicial para nossa sociedade, tendo em vista que o sentimento de patriotismo e de valorização daqueles que deram a vida para defender um ideal são perdidos e esquecidos pelas gerações mais novas. Conhecer como fomos e ainda somos importantes na construção histórica de um dos eventos mais importantes do mundo como também do dia a dia do nosso país deveria ser um dos assuntos cruciais de estudo sempre.

Acontece, que durante o Período Militar (1964-1985), as universidades e locais de produção de livros, teses e etc., foram tomadas por militantes de esquerda que jamais tiveram o interesse em produzir obras que exaltassem nossa participação no maior conflito armado da história, muito menos como fomos importantes para por fim ao Nazismo e Fascismo, com a intenção de desvalorizar e prejudicar o país em troca de uma vitória comunista.

Devido a isso, existem pouquíssimas publicações ou estudos que advenham desse período, é como se a historiografia e as ciências sociais tivessem realmente abandonado o tema e apagado uma parte importante da história do Brasil, como já elucidamos acima nas palavras de José Murilo de Carvalho.

“Em maio do ano passado, quando do 30º aniversário do fim da II Guerra, um jovem repórter me procurou em casa para uma entrevista sobre a FEB. No transcorrer da conversa, que foi bastante penosa (eu ignorava o que ele queria exatamente saber; ele, por sua vez, não sabia o que perguntar), dei-me conta que o moço desconhecia quase por completo o que fora a ação dos pracinhas brasileiros no front italiano, no período final da guerra. E o que devia ter sido uma entrevista, passou a ser, da minha parte, uma minuciosa exposição de caráter didático, com a enumeração de datas e números e a ajuda de mapas.

É realmente impressionante a ignorância das gerações mais novas a respeito de capítulos da nossa história mais recente – episódios, fatos e acontecimentos de 30 anos atrás, ou até menos, entre os quais a guerra da FEB se inclui. Nem sei mesmo de que maneira a luta dos “pracinhas” é tratada nos atuais compêndios escolares”. Joel Silveira (Jornal do Brasil, 10 jan 76)

5. CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivo principal a busca por uma maior valorização do que o Exército Brasileiro significa e significou para o nosso país. O levantamento de tal tema procurou trazer à tona um reavivamento sobre o que foi nossa participação neste episódio tão icônico onde notasse a diferença do Brasil antes e pós-guerra. Sabendo que o país, antes da guerra, vivia num governo com características de ditadura e resquícios de um possível alinhamento com os países do Eixo, mas por melhorias nas áreas econômica e militar, decidiu entrar na guerra no lado dos aliados.

O Brasil também estava com sua doutrina de guerra ultrapassada e com grande deficiência em armamentos e equipamentos, o qual teve que enviar seus soldados para Itália sem uma devida preparação prévia, tendo que esperar o material bélico, fornecido pelos norte-americanos, para o início da preparação para o combate contra os melhores soldados da época.

O Alto - Comando do Exército Brasileiro, que, devido a situação de crise, apresentava-se desequipado e desaparelhado, com uma doutrina militar francesa que já se mostrava antiquada, baseada na defesa de posição, em trincheiras e fortes, sendo que houve poucos esforços de atualização, basicamente alguns cursos e estágios nos EUA e Europa.

Mesmo com tamanhas dificuldades, o Brasil demonstrou seu valor nos campos de batalha, onde seus soldados, antes vistos como inexperientes e despreparados, conquistaram apreço internacional e foram, muitas vezes, tidos como heróis, exemplo do Sargento Max Wolf Filho e do Aspirante Mega.

Diante disso, o Brasil não voltou o mesmo, seus homens agora estavam ungidos com espírito libertário e cheios de confiança no homem Brasileiro em suas próprias convicções, os quais combateram contra os melhores e mais bem equipados soldados da época, e mostraram seu verdadeiro valor em combate e a superioridade das motivações de nossa própria convivência humana, pois deram sangue e suor para libertar a Europa de um governo autoritário. Com isso reacendeu-se a consciência democrática do nosso povo e levou ao amadurecimento das Forças Armadas.

Também cabe destacar as transformações ocasionadas na economia e no aparelhamento das Forças Armadas, já que, a indústria metalúrgica e a modernização militar começaram graças ao apoio norte-americano, em troca do apoio na guerra e do fornecimento de matéria prima abundando no país.

“Ao tempo em que vemos crescer a estrutura industrial e a emancipação econômica do nosso país, não regatem os nossos mais entusiásticos aplausos à realização das próximas eleições, objetivando o funcionamento legal dos órgãos representativos do povo” (ROSA, CELSO, 1918 pg. 214)

Porém, os feitos e memórias desses heróis nacionais estão sendo apagados pouco a pouco pelo próprio povo, já que se é dado grande importância ao novo e é esquecido o passado, deixando assim, os valores e experiências trazidas pela FEB na segunda grande guerra, por aqueles que deram a vida para defender um ideal, desaparecer em meio a tantas informações que vão e vem e de tantas tecnologias.

Nós, soldados expedicionários, esperamos que, do próximo pleito, surjam as premissas de uma era verdadeira Democracia para a nossa Pátria, solidamente assentada sobre o Exército constante e garantia pela lei e pelos sentimentos soberanos do Povo, das quatro liberdades fundamentais enunciadas pelo grande presidente Roosevelt” (ROSA, CELSO, 1918 pag 214)

6. REFERÊNCIAS

COSTA, Otávio. Trinta Anos Depois da Volta, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

ROSA, Celso. Pracinha na Guerra, São Paulo: CAFÉ Editora, 1999.

SAVIAN, E.J e LACERDA, P.H BARBOSA, 2015 “Introdução ao estudo de história militar geral”. Única edição, Resende, v. 1, p. 269-297.

AMAN. “A força expedicionária na campanha da Itália”, Resende: AMAN, 1999.

MORAES, João Baptista Mascarenhas. A FEB pelo seu comandante. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

MC INNIS, Edgar. História da Segunda Guerra Mundial. 3. Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

SANTOS, Everton Araújo; “O carisma do comandante: um estudo das relações pessoais dos militares do Exército Brasileiro sob o enfoque do poder simbólico, dos corpos dóceis e das instituições totais” . 1ª ed. PUC-RIO.2012.

<http://museuvirtualfeb.blogspot.com/2015/05/roteiro-da-feb.html>

<http://www.cis.puc-rio.br/index.php/posgraduacao/doutoradobancoteses>

<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/39-livros->

<fundamentais-para-entender-participacao-brasil-na-segunda-guerra-mundial-36313/>

<https://angelinawittmann.blogspot.com/2016/07/nacionalismo-no-vale-do-itajai-partir.html>

<https://www.forte.jor.br/2018/07/31/107o-aniversario-do-sargento-max-wolf-filho/#comments>

<http://www.defesanet.com.br/ecos/noticia/32715/Ha--74--anos---a--Forca--Expedicionaria--Brasileira--forcou--a--capitulacao--de--milhares--de--soldados-alemaes-na-Italia/>

<https://www.jacareitempoememoria.com.br/2014/04/>

<https://segundaguerra.net/armas-da-feb-na-segunda-guerra-mundial/>

<http://memorialdademocracia.com.br/card/entra-em-cena-a-companhia-siderurgica-nacional>

<https://passeiosnatoscana.com/2014/08/12/conhecendo-a-historia-do-brasil-na-segunda-guerra-em-pistoia-monumento-e-museu-da-feb/>

